



PODCAST DO CORREIO

Quarenta anos navegando para defender os oceanos

Heloísa Schurmann, da família que esteve em todos os mares do planeta, alerta para as mudanças climáticas e a poluição pelo plástico

» HENRIQUE LESSA
» VITÓRIA TORRES*

A ideia de sair pelos oceanos afora surgiu em 1974, depois de uma viagem ao Caribe, e foi levada adiante apesar de ninguém na família entender nada de barcos a vela. Mas como o sonho era maior, isso não intimidou o casal formado por um catarinense e uma carioca a se jogar com os filhos na aventura — e já faz 40 anos que estão nela. Passando por Brasília, Heloísa Schurmann foi entrevistada pelos jornalistas Henrique Lessa e Luiz Carlos Azedo no Podcast do Correio. Mas nem tudo nessa jornada tem sido paixão e desafios: há problemas graves e difíceis de serem superados, como as mudanças climáticas e a poluição dos mares pelo plástico.

“Começamos a velejar em 1974, depois de uma viagem ao Caribe. Após aquela primeira experiência no mar maravilhoso, sentimos uma injeção de energia para perseguir um sonho, um verdadeiro chamado! A gente se alimentava do sonho. O sonho era espalhar as cartas náuticas no chão. Foram 10 anos de aprendizado e preparação, pois, no Brasil, ninguém havia feito algo semelhante. Velejar tornou-se nosso modo de vida”, explica Heloísa.

São quatro expedições pelo planeta. A última, iniciada em 2021, cujo enfoque é a conscientização ambiental, precisou ser interrompida porque o veleiro Kat passa por reparos na Nova Zelândia, depois de enfrentar uma tempestade.

“Recentemente, fugimos de um furacão que estava descendo para a Nova Zelândia. As janelas de navegação ficaram mais curtas e os furacões estão mais intensos e duradouros. As mudanças climáticas têm reflexos diretos na navegação, no clima e nas populações deslocadas. Pessoas estão perdendo seus lares. Precisamos mudar nossos hábitos. Não é culpa da natureza — somos nós que estamos causando isso”, adverte.

Outro fator que chama a atenção para as severas mudanças ambientais é o branqueamento dos corais, consequência direta do aumento da temperatura dos mares. “Com a água mais quente, os corais começam a morrer. O branqueamento é um alerta de que os corais estão morrendo e isso tem consequências para todas as espécies. Dependemos



Direcione a câmera do celular e assista à entrevista completa no Podcast do Correio

dos oceanos para respirar, pois mais de 50% do oxigênio vem dos mares”, lembra Heloísa.

Ameaça

A poluição dos oceanos pelo plástico é outra preocupação para a família Schurmann, ao ponto de ter levado Heloísa a não consumir mais peixe — cuja carne, segundo ela, cada vez mais está contaminada pela presença de microplásticos. “Começamos a ver cada vez mais plástico nas praias — rios de plástico. Navegamos por manchas de plástico”, lamenta.

Isso levou a família a criar um movimento global, a Voz dos Oceanos, que reúne formadores de opinião, professores e pesquisadores para combater a poluição pelo plástico. “Nossa motivação e objetivo incluem sustentabilidade, educação ambiental, conscientização sobre mudanças climáticas e a poluição por microplásticos”, diz.

Heloísa sublinhou a importância do Projeto de Lei (PL) 2.524/22, que visa limitar a produção e prevenir a geração de resíduos plásticos de uso único. “É essencial eliminar talheres, canudos, sacolas, copos e balões descartáveis, que são os maiores poluidores dos oceanos. Precisamos fazer as pessoas entenderem a importância desse projeto para combater o tsunami de plástico”, adverte.

Apesar de não haver uma consciência mundial sobre os efeitos nefastos e duradouros da poluição pelo plástico, Heloísa enxerga uma grande preocupação dos brasileiros em evitar consumir produtos feitos com o subproduto do petróleo. “O Brasil está indo melhor do que eu esperava no setor de banir o plástico de uso único. Há uma grande onda de transformação entre os brasileiros”, observa.

*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi

Reprodução/Podcast do Correio



A cada viagem, crescimento e experiência

1984/94



2014/16



1997/00



2021/23



Na 1ª excursão (E, ao alto), os filhos eram menores. Na 2ª (D, ao alto), a família aumentou com a presença da pequena Kat. Na 3ª (E, acima) e na 4ª (D, acima), todos adultos e defensores da preservação dos mares



As janelas de navegação ficaram mais curtas e os furacões estão mais intensos e duradouros. As mudanças climáticas têm reflexos diretos na navegação, no clima e nas populações deslocadas. Precisamos mudar nossos hábitos. Não é culpa da natureza — somos nós que estamos causando isso”

Heloísa Schurmann

IMPRUDÊNCIA

Reprodução/Redes sociais



Um recipiente com germânio 68 foi aberto. Quase todos estavam vencidos

Material radiativo em carro roubado

» ISABELA STANGA
» RENATO SOUZA

O roubo de um carro com cinco galões de germânio 68, material radioativo que pode causar danos à saúde humana, deixou as autoridades paulistas de segurança em alerta. Apesar de a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) assegurar que o prazo de validade de quase todas as substâncias estar vencido — apenas uma, que foi encontrada, continuava válida —, manuseá-las pode trazer riscos.

Dois dos cinco galões foram encontrados em um desmanche de veículos na região de Cidade Tiradentes, na Zona Leste de São

Paulo, mas um deles estava aberto. O material é usado em equipamentos para a realização de tomografias.

A empresa responsável pelo transporte do germânio 68, a Medica Armazenagem Logística e Distribuição Ltda., comunicou o roubo ao CNEN no domingo passado. O material saiu do Rio de Janeiro e seguiria para Curitiba e Blumenau (SC).

Ao Correio, a empresa informou que o assunto está sendo investigado. “A Medica é uma empresa regulamentada pela CNEN e pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) e o material que transportamos é um material de cunho oncológico, para

diagnóstico e tratamento do câncer. Ao ano, transportamos mais de 5 mil radiofármacos para todo o país, com segurança e rastreabilidade”, disse o diretor da empresa, Josino Garcia.

Por meio de nota, a Comissão de Energia Nuclear afirmou que “por imprudência do motorista, que decidiu levar o automóvel para local diverso do pátio seguro onde o veículo deveria ficar abrigado durante à noite, o veículo foi furtado”.

Césio-137

A abertura do recipiente em que o germânio 68 estava acondicionado traz uma preocupação

semelhante àquela causada em 1986, em Goiânia, quando um reator para equipamento de raios X foi desmontado por dois catadores de recicláveis, que retiraram o aparelho de uma clínica abandonada. O objeto foi vendido a um ferro-velho, onde outras pessoas o desmontaram.

Foi o segundo maior acidente nuclear do mundo. Nos dias seguintes ao manuseio do césio-137 — um pó com intenso brilho azul —, todos aqueles que tiveram contato com a substância apresentaram problemas de saúde. Quatro pessoas morreram, inclusive uma criança de 11 anos, filha do dono do ferro-velho onde a peça foi desmontada.